



O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOCTRINA
Fundado pelo Movimento de Revigoração da Igreja

Director — LEOPOLDO DE FIGUEIREDO

Redactor: João S. Carvalho — Redacção: Calç. das Lages, 6-Lisboa — Administrador: Joaquim P. Cabral-Sto. Ovídio-V. N. de Gaia
Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

O Cavaleiro de Oliveira e a tentativa esboçada de Reforma da Igreja no tempo do Marquês de Pombal

O ÚLTIMO livro de Aquilino Ribeiro «*Abóboras no Telhado*» teve o condão de nos lembrar e de nos fazer pensar novamente no Cavaleiro de Oliveira. Mestre Aquilino, através do positivismo do seu espírito, avêso a reviravoltas espiritualistas, havia-o reduzido já em seus trabalhos anteriores à proporção do homem vulgar do «galante século XVIII», produto do ambiente peninsular da época, fradesco, fanático e supersticioso.

O Prof. Gonçalves Rodrigues, preocupado em desfazer qualquer valor da sua conversão à Fé Cristã Católica Reformada, igualmente procura não ver em seus últimos escritos as manifestações sinceras de um homem provado pelo renascimento anímico.

Se é certo que a maior parte da sua obra reformista é de puro combate a Roma onde aliás tem páginas às quais o autor de «*A Vida Sinuosa*» não esconde o seu mérito, assemelhando-as no trabalho de exegese e de polémica ao estilo voltaireano, outras há reveladoras da sua modificação intrínseca como homem cristão, as quais o Rev. Eduardo Moreira salienta no valioso estudo com que prefacia as «*Reflexões*». E até por não serem muitas, mais abonam a sua sinceridade.

O Cavaleiro de Oliveira não era um teólogo nem um doutrinário. Do seu espírito nitidamente jornalístico, ligeiro, corrente, de veia humorística, não se poderiam esperar sermões de quaresma. Vibra porém de forma impressionante, quando se dirige aos Portugueses e os exorta a reformar a sua Igreja. É note-se — a reformar no seu sentido nacional e tradicional católico e não meramente no sentido sectário protestante. Deseja que na Igreja do seu País, «os seus bispos reclamem e se metam de posse para sempre de todos os actos de Jurisdição Episcopal, que sendo de direito divino, se acham como perdidos por vários res «eitos humanos». (1)

«A Igreja de Roma, a Igreja Galicana, a Igreja Germânica, a Igreja Lusitana e todas as mais Igrejas são todas irmãs... Tiram porém todas elas a nobreza, a igualdade, a legitimidade e a santidade da sua origem na instituição de J. C. e formam todas juntas aquele corpo chamado Igreja Universal, da qual o mesmo J. C. é o Chefe». (2)

As páginas das «*Reflexões*» em que faz o elogio da «*Tentativa Teológica*» do Padre António Pereira de Figueiredo tem uma actualidade que o tempo não destroi e, antes pelo contrário, lhe dá maior efectividade. A reforma da Igreja em Portugal que ele antevê — «que se saiba no tempo futuro, e pode bem ser que isto seja conveniente dentro em pouco tempo, que já no ano de 1767 havia ao menos um português que falava e escrevia como todos os portugueses falarão e escreverão, quando Deus quizer» (3) concretiza-se 113 anos depois, em 1880, quando um punhado de clérigos, alguns deles saídos de Roma, (ainda não pôde ser um movimento geral) restaura a Antiga Igreja Lusitana e inicia a sua expansão pelo território pátrio.

(Continua na 5.ª página)

1) — Reflexões de Félix Corvina de Arcos, sobre a «*Tentativa Teológica*» de António Pereira — Nova Edição prefaciada por Eduardo Moreira — Coimbra — Imprensa da Universidade. 1929 — pag. 44.

Ver também «*Esboço da História da Igreja Lusitana*» pelo Rev. Eduardo Moreira — Edição do Sínodo da Igreja Lusitana. 1949 — pag. 18 e 21

2) — Reflexões. Op. cit. — pag. 38.

3) — Reflexões. Op. cit. — pag. 9.

Pentecostes

Trechos de um Sermão de Sto. Agostinho.

Celebramos hoje a vinda do Espírito Santo. Enviou o Senhor do Céu o Espírito Santo conforme havia prometido quando ainda estava na terra. ... E como ao prometé-lo havia dito, «Se eu não for, ele não pode vir», eis porque depois de ter padecido, morrido, ressuscitado e subido ao céu, restava-Lhe cumprir a promessa.

Os Seus discipulos (cento e vinte almas, diz a Escritura, dez vezes pois o número dos Apóstolo) encontravam-se em certa casa entregues à oração, porque uma mesma fé inspirava já os seus desejos, e a sua oração estava já cheia de fervor inteiramente espiritual. «Odres novos,» aguardavam do céu um «vinho novo»; o grande «Renovo» fora já pisado e glorificado...

Que prodígio! Todos os presentes apenas conheciam a sua língua; mas quando o Espírito Santo desceu sobre eles e os encheu de Si próprio, começaram a falar na multidão de todas as línguas sem que antes as houvessem conhecido ou aprendido; tinham por mestre o recém-chegado, que entrara neles e os enchera a transbordar...

Grande espanto invadiu os que isto observaram. Uns admiraram-se; outros escarneceram, chegando até a dizer: «Estes homens estão embriagados e cheios de mosto». Algo de verdadeiro havia no seu escárnio. «Vinho novo acabara de encher aqueles odres novos». Ouvistes no Evangelho que «não se deita vinho novo em odres velhos». O sensual não entende as coisas do Espírito. A sensualidade é decrepitude, a graça é remoçamento; e quanto mais o homem se renova e melhora, tanto mais aprende e aprecia a verdade. «Vinho novo»

(Continua na 4.ª página)

NOTAS E COMENTÁRIOS

As revistas «Ecléssia» e «Despertar» não se têm de facto dirigido aos crentes das diferentes denominações protestantes, apelando-os a aceitar a concepção católica da Igreja Evangélica, mas sim, mais, procurando convencer os membros da Igreja dominante a aceitar a concepção evangélica da Igreja Católica.

Teria sido todavia bem benéfico para o movimento da Reforma em Portugal se as Igrejas reformadas que existiam já em 1880 tivessem aceiteo o **convite então directamente formulado** de se juntarem todas numa mesma Igreja reformada, nacional, católica, apostólica, evangélica, num ambiente tradicional. Não se teriam dado os actos confusos de em terras pequenas se estabelecerem 2 e 3 confissões reformadas, todas elas desconhecendo-se entre si e surdamente guerreando-se num proselitismo chocante.

* * *

Entre as várias confissões religiosas incluídas no movimento reformado e que excedem as centenas, tem-se procurado reduzir as suas diferenças, que aliás não são grandes. E se algumas das chamadas «denominações» não se sabe bem porque existem, porque se separaram em grupos individualizados, outras, as principais, são oriundas do natural aspecto que tomou o movimento da Reforma em vários climas psicológicos, em parte dependentes das circunstâncias locais.

Sente-se, porém, hoje, em todos estes sectores a necessidade de uma real aproximação. A «união espiritual» que se deseja não pode ser uma coisa abstracta. Tem de viver conscientemente nas almas dos crentes, devendo estes para isso conhecerem-se mutuamente e amarem-se sem receios, sem dúvidas. Temos pois de tomar contacto uns com os outros, sem intransigências, procurando ter Cristo como alvo.

Aprendamos o que de bom e são os outros possuem e corrijamos o que de errado e mau estiver em nós. Estudemos sem medo, sem camuflagens, as causas, os motivos que nos dividem e verifiquemos se na base de algumas dessas divisões não existe por vezes, ao lado possivelmente de gloriosas tradições e motivos a ponderar, princípios de sectarismo puro, sentimentos de autoritarismo, de domínio sobre as almas, de pequeno papado, isto é, aquilo mesmo que a Reforma mais combateu.

O Evangelho quer que todos sejamos um em Cristo Jesus. Um só rebanho—Um só Pastor! Como poderemos cantar: «Uma só família somos, família de Jesus», e cada um depois ir para sua casa e fechar-se herméticamente?

«Se a Tua Igreja toda
Andar em Santa União,
Então será bendito
O nome de Cristo».

E o que é que pode unir visivelmente a Igreja? Pensemos neste assunto.

* * *

Não basta ter um conhecimento teórico de que existe algures o bem e o mal e de que Deus, o Sumo-Creador, se manifestou aos homens em Cristo Jesus. E' necessário acordar a consciência, quando essa consciência parece querer adormecer ao calor dos sentidos acomodaticios do século, tal como fez Natan na acusação dura e formal a David: «Tu és esse homem! Esse mesmo homem que tu próprio condenaste!»

Igual mérito possuem certos raros escritores — e porque não citar por exemplo o autor de «O Crime do Padre Amaro», apesar da discutível forma de o fazer, — quando, descrevendo como balofos, vãos, hipócritas, medíocres e sem carácter, os homens que encham e formam uma sociedade, que se quer fazer passar por elegante, culta e moral, se dirigem ao leitor e como uma seta apontada à sua consciência lhe inculcam «Não és tu um destes homens?»

* * *

De que modo lês tu a Palavra de Deus? Como um livro vindo das mãos de Deus em que tu de joelhos, com o coração contrito, humilde e obediente procuras penetrar no sentido profundo e espiritual da vida, compreender o Universo e sentir a tua responsabilidade em relação ao teu próximo perante o Amor de Deus revelado no Sacrifício de Seu Filho, ou como um livro de controvérsia e exclusivismos, fundamentais ao teu orgulho, e que Deus poz à tua disposição para, à semelhança do fariseu no templo, te distinguires de publicanos e pecadores? Não serás tu esse fariseu?

* * *

É o movimento que dá vida à planificação da natureza, quando vista de grandes altitudes. E os minúsculos elementos humanos são marcados, não pelas suas alturas, vestuário ou feições, mas, unicamente, pelas diversas direcções em que se cruzam. Lá do Alto, Deus nos olha. Não com os olhos esquadrinhadores de quem procura conhecer nos homens as formas com que eles vestem as suas ideias, mas sim de que corações brotam. E' pela directriz de seus corações e pela atitude de humildade e de amor a Deus e ao próximo, que Ele envolve os seus filhos no Seu amplexo de Pai e lhes abre a porta do Seu Reino.

* * *

Ainda que na realização prática dos altos princípios da Igreja haja certas divergências, é necessário concretizar que elas são secundárias e que nada nos deve separar do que tanto nos une — o Amor de Cristo. *Christus Victor* sobre as nos-

sas mediocridades. Se a tese é já antiga, tem sido todavia esquecida. Os sentimentos têm ultrapassado as ideias e o espírito de sinagoga domina. De joelhos façamos penitência.

* * *

O verdadeiro apostolado revela-se em almas de consciência pura, no desejo sincero de servir a Deus na pessoa do próximo. Conhecemo-lo em todas as confissões religiosas, aparte as diferenças teológicas que as possam humanamente dividir.

As manifestações dos verdadeiros apóstolos emanam do Santo Espírito, e, unidos na Certeza da Grande Revelação, integrados na doutrina do Evangelho, falam todos a mesma linguagem de Amor. Meditemos nas afirmações do Padre R. Sanson, sacerdote católico romano.

«Toda a religião que se queira impor pela força ou por tudo aquilo que se possa semelhar a força ou a imposição, por este próprio facto, cessa de ser uma religião no verdadeiro sentido da palavra.

Para se propagar, a verdade tem necessidade de apóstolos mas não de carrascos ou de agentes de autoridade. Os credos, os ritos exteriores formulados sob o medo, a ameaça, o terror, representam apenas palavras, atitudes e não Fé, e não Amor nas almas, nada se fazendo portanto pela causa de Deus. Pelo contrário, só se trai a verdadeira causa de Deus.

As almas não se conquistam; elas se entregam; e só se pode ganhá-las pela caridade, pelo Amor. Assim o Cristianismo condena todo o espírito de dominação e o Evangelho claramente atesta que não foi à maneira dum César que Cristo quis conquistar o mundo».

* * *

Lemos no «Cristianismo», de S. Paulo, existir desde 1927 na Igreja Reformada da Suíça um movimento denominado «Igreja e Liturgia». «O movimento tem por fim a manutenção da fé evangélica integral, assim como uma completa renovação litúrgica. Trabalha por dar ao culto público o seu carácter de serviço divino... e quer repor no seu lugar o sacramento da Santa Ceia segundo a ordem da Igreja antiga... sem subestimar a importância da pregação. Permanecendo fiel à Igreja local, esforça-se por estar em comunhão com a Igreja Universal... Insiste sobre tudo o que une, e não sobre o que separa as diversas confissões».

* * *

O homem na sua insânia deseja muitas vezes, e a história tristemente no-lo ensina, ser o senhor espiritual doutros homens. Vejam o que diz Jorge Tyrrill quando abandonou a Comunhão Romana. Na carta

(Continua na 6.ª página)

Liberdade e Dependência de Deus

Muitas são as nações da Terra que comemoram a sua independência, que festejam o dia em que alcançaram ou readquiriram a sua liberdade, entendendo-se aqui por liberdade o sacudir decisivo do jugo estrangeiro.

O povo cristão é o novo Israel e ao aproximar-se o dia de Pentecostes a «nação eleita» comemora o instante em que pela primeira vez de maneira plena e em cumprimento da promessa do Redentor — «O Consolador virá a vós» — se afirmou publicamente não a sua independência mas a sua dependência.

Mas, paradoxal e misterioso, este acontecimento significa também libertação.

Para nós um estado de verdadeira dependência de Deus representa de forma bem clara e viva a liberdade que procuramos. Conhecemos pelo Evangelho a «leveza» do jugo divino, a doçura da presença do Altíssimo, e toda a Escritura e toda a mística nos atestam como David, o insuperável prazer espiritual que a alma humana recebe quando vive «um só dia nos Seus átrios».

Aceitamos a identificação entre felicidade e liberdade. E isto não para que artificialmente defendamos a tese que propomos apresentar, mas porque a isso somos levados por via intuitiva.

Não será verdade que todos nós vivemos dia a dia esta identificação?

Parece-me inegável o princípio: quanto mais feliz mais livre! E' comum amaldiçoar a liberdade como ocasião propícia a atitudes que nos podem tornar infelizes e de facto quando usada negativamente a liberdade é perniciosa, conduz à situação suicida, à auto-destruição.

O homem pretende libertar-se para ser feliz, mas ao atingir um determinado estado de bemaventurança, ainda que este seja momentâneo, verifica que vive «preso» à sua própria ventura, sabe, íntima e conscientemente, que se colocou na dependência da luz, da claridade, do motivo que lhe inspiraram a paz interior, o prazer psicológico, a ternura beatífica.

Quando se ama alguém existe a par desse amor alguma coisa que podemos classificar como consciência de liberdade?

Sem dúvida, mas essa liberdade é antes de tudo o mais um sentimento de libertação de tudo aquilo que não importa. O amante autêntico concentra-se no objecto que lhe enche a vida de sentido, logo prende-se a ele, está dependente dele, mas paradoxalmente traz em si mesmo, no mais profundo do seu ser a oculta certeza de que é livre. O paradoxo está mais que reabilitado filosoficamente, de Platão a Kierkegaard. Foi Platão o primeiro pensador que desafiou a positiva e lógica mentalidade ocidental com a espantosa ideia expressa claramente no diálogo o Sofista «Ser é ser e não ser».

Em Cristo concretiza-se este paradoxo. Ele é o Homem-Deus o que «em forma de Deus... tomou a forma de servo aniquilando-se a si mesmo».

Nós, cristãos, somos e não somos servos e libertos, livres e escravos, dependentes e independentes.

Sendo a perfeição do espírito o único destino do cristão e sabendo nós que ao atingi-la, nos realizamos totalmente em Deus, possuindo assim a felicidade eterna, é-nos lícito concluir que pela dependência de Deus — sem a qual não há para nós felicidade de qualquer espécie — corremos também ao encontro de uma suprema libertação.

A Igreja firmada sobre inúmeros momentos gloriosos, — entre os quais se conta aquele em que o Espírito Santo a confirmou na dependência da Trindade Santíssima — incita os seus membros a estabelecerem em si mesmos essa paradoxal e deslumbrante conciliação entre Liberdade e dependência de Deus.

David Freire

Leitor! A Igreja necessita de «O Despertar», mas «O Despertar» precisa de ti, não pode viver sem o teu auxílio.

O Sentido Temporal e Espiritual da Família

Pelo Prof. Rev. Eurico de Figueiredo

Podemos encarar a «família» sob três aspectos: o doméstico, o humano, e o cósmico ou universal. E em todos estes três aspectos se pode assinalar um *Carácter comum*, que os irmana, que os assemelha, que os unifica: é o carácter divino! Onde está o lar, está Deus; onde vemos a família humana vemos Deus; e onde habita toda a imensa criação, aí habita Deus — sendo que o mesmo Deus se apresenta também como uma Família, em três Pessoas distintas, se bem que numa unidade substancial: o Pai, o Filho, o Santo Espírito, família à qual somos incorporados, mediante Jesus.

Um dos mais tocantes aspectos da doutrina do Salvador, é que ela gira, toda, em torno de um profundo e omnipresente conceito da família. Como homem nasceu Jesus no seio de uma família, modelar entre todas as famílias da Terra. Como Ser Divino, a nós se revelou como filho do Pai Celestial, e ao qual nos vai conduzindo com fraternal solicitude, como quem arrasta um filho pródigo ao seio da casa paterna. Assim, embora com o preço do seu sangue, nos incorpora Jesus na Divina Família. Não somos mais órfãos e deserdados, mas participantes de um destino glorioso.

Os ensinamentos de Jesus têm, muitos deles, por assunto, episódios da vida doméstica. Assim suas parábolas: O Filho Pródigo, as Bodas do Filho do Rei, os Dois Irmãos, a Dracma Perdida, os Lavradores. E, ao morrer, ainda indicou do alto da Cruz à sua Santíssima Mãe, uma nova família, para a qual devia viver, e pela qual devia zelar. E o culto cristão nada mais é do que a confirmação reiterada e insistente de que somos, todos, filhos do Eterno Pai, co-herdeiros de Cristo segundo o Evangelho, devendo portanto amarmo-nos e mutuamente nos ajudarmos, como membros que somos de uma *Família Universal*.

Porque temos sido tão tardos em aprender tão sublime lição? É que a realidade espiritual esbarra com o nosso lamentável e cego

Pentecostes

(Continuação da 1.ª página)

*fermentava em seu íntimo e da-
quele fermentar fluíam palavras
em todas as línguas...*

*Então porque não se fala hoje
em línguas estranhas quando se
recebe o Espírito Santo? Por-
quê? Por se haver cumprido o
que o dom das línguas simboli-
zava... O Senhor Jesus Cristo
antes de subir ao céu... haven-
do-lhe os discípulos perguntado
acerca do fim do mundo, a res-
posta foi: Recebereis a virtude
do Espírito Santo que há de vir
sobre vós e ser-me-eis testemu-
nhas... até aos confins da terra.
Reunida numa só casa, recebeu
depois a Igreja o Espírito Santo.
Contava uns poucos membros
mas já se encontrava nas línguas
de todo o mundo. Eis o que si-
gnificava. Aquela pequena Igreja
nascente, que falava todos os
idiomas não era ela figura da
grande Igreja de hoje, difundida
do Oriente ao Ocidente e em que
todas as línguas são faladas?*

*Assim se cumpriu o que fora
prometido... «Ouve filha e vê...»
Não te enganou o teu Deus, não
te enganou o teu Esposo, não te
enganou quem de feia te fez for-
mosa e de rameira, virgem. Fez-
te uma promessa e a promessa
és tu própria; fez-ta quando
ainda eras pequena e o seu cum-
primento é a tua grandeza de
agora.*

(B. A. C. Obras de St.º Agostinho
Tomo VIII Sermão 267).

egoísmo. A vida cristã exige disci-
plina vigilância; e essa disciplina
e vigilância intimida os fracos, e
escandaliza os orgulhosos. Desde
o princípio dos tempos que os ho-
mens têm à mão os elementos
indispensáveis à sua felicidade.
Não precisam de andar muito, nem
de estudar muito, nem de pensar
muito, para os descobrirem. Basta
viverem com espírito de amor e
simplicidade de coração. E o alfo-
bre onde estes sentimentos devem
crescer resguardados e pujantes, é
precisamente o lar, a Família, ins-
tituição divina e humana, no tempo
e na Eternidade.

Eurico de Figueiredo

Mensagem dos Presidentes do Conselho Ecuménico das Igrejas (Representantes de 162 Igrejas)

PENTECOSTES DE 1956

Nós, Presidentes do Conselho
Ecuménico das Igrejas, saudamos,
nesta Festa de Pentecostes, todos
os irmãos das Igrejas, membros do
Conselho.

Quando o Espírito Santo desceu
sobre a primeira assembleia cristã,
na História da Igreja, os apóstolos
falaram da obra admirável de Deus,
a homens de todas nações, anuci-
ando-lhes Jesus Cristo ressuscitado
dos mortos, depois de ter sido
crucificado, morto e sepultado.
E, quando esses homens com o
coração tocado, perguntaram aos
apóstolos: — Que devemos fazer?
— A resposta foi clara:

Arrependei-vos dos vossos pecados
e que cada um seja baptizado em
Nome de Jesus Cristo para ser
perdoado: e vós recebereis o Es-
pírito Santo. (Actos 2: 38).

Neste aniversário de Pente-
costes, por toda a parte onde vi-
vem homens, crentes e descrentes
perguntam a si próprios: — Que
devemos fazer?

As Nações estão divididas em
campos hostis. Não existe qualquer
autoridade suprema, acima dos
interesses de cada Estado, que to-
dos possam aceitar; Chefes do Es-
tado e ministros de negócios es-
trangeiros reúnem-se em confe-
rências, mas falha a confiança in-
dispensável a um acordo. Com o
terror crescente das armas nuclea-
res, a loucura dos homens é de
tal maneira, que em certos mo-
mentos, o mundo parece estar à
beira de um suicídio. Os homens
idosos perdem a esperança, os jo-
vens caminham para um futuro
onde não brilha nenhum ideal.

Nesta hora duma importância
extrema, as Igrejas, com a ajuda
do Espírito Santo, têm o dever de
falar às Nações — Irmãos do Con-
selho Ecuménico das Igrejas, pedi-
mos-vos que intercedais para que o
Espírito Santo desça sobre cada um
de nós e nos auxilie a aproveitar to-
das as ocasiões que Deus nos ofere-
cer, para agir no nosso país, seja pela
palavra, seja pelo nosso testemu-
nho, pela nossa influência.

Em primeiro lugar cremos que
as Igrejas, reconhecendo que os
próprios cristãos têm necessidade
de arrependimento, devem dizer
às Nações: — Arrependei-vos! Os

vossos conflitos devem ser resol-
vidos pela razão e não pela vio-
lência.

A violência tem atingido um
tal paroxismo que, se ela, por
desgraça, se desencadeia, nenu-
ma força humana poderá controlar.

Se a guerra não se tornar im-
possível, todas as nações estarão
em perigo.

Cremos que as Igrejas devem
dizer às Nações que a paz não se
estabelecerá por reivindicações
de direitos, mas pelo desenvolvi-
mento da justiça e pelo respeito
às necessidades de todos.

Pensamos finalmente que as
Igrejas devem lembrar às Nações,
com uma insistência cada vez
maior, que o mundo inteiro tem
sede de paz, que todos os povos
são membros da mesma família
e que o Deus e Pai de Nosso Se-
nhor Jesus Cristo é o Pai de to-
dos os homens.

E' neste espírito que pedimos
aos nossos irmãos das Igrejas,
membros do Conselho Ecuméni-
co das Igrejas, que ofereçam a
Deus as suas preces e que pres-
tem testemunho ao poder do Es-
pírito Santo e à nossa inabalável
comunhão com o Corpo de Cristo.

*Os presidentes do Conselho Ecumé-
nico das Igrejas.*

Rev. Prof. John Baillie
(Igreja Presbiteriana)

Bispo Sante Uberto Barbieri
(Igreja Metodista)

Bispo G. de Chichester
(Igreja de Inglaterra)

Bispo Otto Dibelius
(Igreja Luterana Alemã)

Metropolitano Juhanon Mar Thoma
(Igreja da Síria)

Arcebispo Michael
(Igreja Ortodoxa)

Bispo - Presidente Henry Knox Sherrill
(Igreja P. Episcopal dos E. U. A.)

A «Ecclesia» e «O Despertar»
são jornais que procuram interes-
sar os membros da Igreja Lusitana
nos problemas da Igreja de hoje.
O carinho com que forem recebi-
dos é a prova de que vale a pena
continuar.



PELA IGREJA



Visita dos Representantes da Igreja Reformada da França

Em 22 de Março teve lugar na ampla e vetusta Igreja de S. Paulo um serviço divino em que tomaram parte os Pastores Pierre Burguet, Conord, Jacque Delpech e Pierre Tirel, vindos expressamente a Portugal em visita de cortesia, a convite da Igreja Presbiteriana Portuguesa. De uma real e evidente oportunidade, esta visita uniu numa forma especial a Igreja Reformada da França a Portugal. Todos os que ali estavam presentes sentiram a vibração da mensagem proferida por cada um dos pastores franceses, que marcaram bem a necessidade de nos conhecermos melhor em constantes visitas mútuas, congressos e conferências. A Igreja Reformada da França aos seus prestimosos ministros e a todo o seu povo as nossas saudações fraternas.

Visita do Rev. Philip Hughes

A convite igualmente da Igreja Presbiteriana veio ao nosso país com o fim de interessar os crentes portugueses no estudo da doutrina da Reforma e de seus reformadores, o Rev. Philip Hughes, Presbítero da Igreja de Inglaterra e um amigo também da Igreja Lusitana. Na reunião efectuada numa das dependências da Igreja de S. Paulo, onde estavam presentes alguns membros, clérigos e leigos da Igreja Presbiteriana e da Igreja Lusitana, estudou-se a formação dum núcleo português de estudos em íntima ligação com a organização internacional.

O Rev. Philip Hughes visitou alguns dos nossos templos em Lisboa, Vila Franca e Gaia onde pregou, procurando interessar-se pelo trabalho e desenvolvimento da Igreja Lusitana.

Beneficência Evangélica

Esta prestimosa e antiga organização da Igreja Congregacional, de assistência a pobres e necessitados de todo o meio evangélico, presentemente dirigida pelo Sr. Elias Santos e Silva, está trabalhando pela realização do Lar Evangélico para viúvas e órfãos desamparados e para todos aqueles que necessitarem de auxílio e amparo na velhice. A iniciativa é de molde a merecer o carinho de todos os crentes evangélicos, pois preencherá uma lacuna que até agora tanto nos tem entristecido: muitos dos nossos velhinhos não têm um lar que os acarinhe e conforte nos últimos anos da sua vida. Que Deus abençoe o trabalho dos nossos irmãos e que breve vejam coroados os seus esforços.

Bispo de Minnesota

Confirma-se a vinda em Outubro próximo deste ilustre prelado americano, cuja presença em suas visitas anteriores tanto nos tem animado. Será nessa altura minis-

trado o rito da Confirmação a muitos dos fiéis que há muito o esperam e aguarda-se que alguns dos eleitos ao diaconato e ao presbiterato sejam ordenados.

J. Wallace

No dia 23 de Maio chegará ao Porto o Dr. J. Wallace, secretário da Sociedade auxiliadora da Igreja Reformada Espanhola e da Igreja Lusitana, e que vem ao nosso país para conhecer o trabalho da Igreja Lusitana e tomar contacto com os seus clérigos e leigos. No domingo 27 visita as Igrejas de Lisboa, Vila Franca e Setúbal.

PELAS IGREJAS

Igreja de Cristo Remidor — Alcácer do Sal

Continua esta Igreja em franco reavivamento espiritual.

O esforço dispendido na deslocação dos obreiros é assim recompensado, com a satisfação recebida pela vida espiritual aí disfrutada.

Possui, presentemente, esta Igreja uma pia baptismal de mármore, resultado, não só do esforço dos membros, mas também da Sociedade de Senhoras da Igreja de S. Paulo e ainda do auxílio substancial da Snr.ª D. Violet de Figueiredo.

Em breve serão baptizados dois adultos e uma criança.

Eis o lado agradável deste trabalho. No entanto, para confirmação do aviso do Mestre — Vós tereis aflições — um problema se levanta, o da Casa de Oração, pois o senhorio intimou, há pouco, que saíssemos, alegando ter necessidade da mesma casa.

Evidentemente que, se o inimigo das almas até ao presente se não inquietou com este pequeno grupo, visto que pela sua suposta pouca força não causava transtorno, entendeu ser agora ocasião de meter-se como lobo no meio do rebanho, esperando que este se perca. Mas o Senhor ensinou-nos a ter bom ânimo para vencer, assim como Ele também venceu, e esse ânimo é-nos transmitido pela Fé que transporta montanhas, e é por ela que esperamos que Deus proverá o Seu rebanho do que lhe é necessário.

Há já em vista uma propriedade que poderá ser adaptada a igreja, sendo apenas necessário poder-se pagar a verba para a adquirir.

É certo que não temos capital para efectuar a transacção, mas também é certo que Deus nos irá ajudar a reunir esforços para adquirirmos uma casa digna do Seu maravilhoso Nome.

Igreja do Espírito Santo, em Setúbal

É com tristeza que nos referimos ao trabalho nesta Paróquia.

Não é essa tristeza filha da pouca dedicação dos seus congregados, não. Fazer

essa afirmação seria trair a fé desses fiéis irmãos que, domingo após domingo, se reúnem na sua casa de oração, mas sim da pouca possibilidade que temos de poder dar a assistência devida a uma congregação, pela falta de transporte e implicitamente pela falta de tempo. Não podemos considerar trabalho pastoral aquele que sómente é feito pelo púlpito.

É dever nosso visitar doentes, promover conferências, criar a Escola Dominical, enfim, executar todas as mil e uma coisas que estão na atribuição e dever de um pastor, e de que estamos impossibilitados de fazer. É necessário, é forçoso que esta congregação possa crescer e desenvolver-se. **A subscrição para a compra de um transporte para o serviço destas congregações continua. Como foi dito, sem esse transporte, o trabalho torna-se muito difícil, se não mesmo impossível.**

Igreja de S. Paulo

BAZAR: Nos próximos dias 4 e 5 de Junho haverá nos salões desta Igreja, um Bazar promovido pela Sociedade de Senhoras para auxílio da compra dum transporte para serviço das congregações de Cristo Remidor e do Espírito Santo.

PASSEIO DE CONFRATERNIZAÇÃO: Promovido pela mesma Sociedade de Senhoras, realizar-se-há no próximo dia 10 de Junho um passeio a Cascais, de confraternização entre membros e simpatisantes.

DEFICIT DE JUNTA PAROQUIAL: Foi comunicado pela junta o deficit desta Igreja e pedido a todos os membros um donativo para o saldar. Esta Igreja tem tido uma grande responsabilidade missionária que seria triste se tivesse de abandonar. Espera-se uma resposta animadora dos crentes.

BENEFICÊNCIA: Pelas contas apresentadas vê-se o esforço desta congregação em prol dos necessitados. Felizes aqueles que escutaram as palavras de Cristo: «Mais bem aventurada coisa é dar do que receber».

Igreja de S. Pedro

Raras vezes, nesta Igreja, se tem tido oportunidade de ministrar, num só officio religioso, os dois Sacramentos instituídos por nosso Senhor Jesus Cristo, motivo porque foi de tríplice festa o Domingo de Páscoa nesta Congregação.

Celebraram-se com elevada espiritualidade e exultação Cristã, a Ressureição de Jesus Cristo e foram ministrados o Sacramento da Santa Comunhão e o do Santo Baptismo da menina Rosa Maria Simões Vasco, gentil filha do Snr. José Vasco e da saudosa Irmã D. Maria Eduarda Simões

Vasco, já falecida. Apadrinharam o acto o Sr. António Joaquim Vilela e a Sr.ª D. Catarina Corchado Vasco, da Congregação de Jesus.

Foi celebrante dos dois Sacramentos o Rev. J. Ferreira de Sousa Jor., coadjudado pelo Rev. Josué F. de Sousa que também pronunciou, numa síntese admirável, um fluente sermão alusivo aos três factos que se estavam celebrando: o Baptismo, a Eucaristia, a Ressurreição de Cristo.

Alves Pinto tomou a iniciativa de cooperar na campanha contra o analfabetismo, abrindo aulas diárias para adultos, no salão anexo a esta Igreja. Até hoje fizeram exame 17 pessoas das quais 15 com boas classificações. O pouco espaço não nos permite fazer uma apreciação justa da abnegação e pertinácia que este Irmão tem interposto à ingratidão e estranha incompreensão duma parte dos que lhe ficaram devendo o que hoje sabem, à custa da sua generosa renúncia ao conforto, bem mais apetecível, que em noites de inverno lhe teria proporcionado o seu lar.

Igreja de S. Mateus

Preparada com muita oração tanto individual como colectiva, e precedida por dois cultos preparatórios, celebrou-se nesta Igreja no passado Domingo de Rogações a chamada «Festa do Trabalho», tradicional nesta Paróquia. O templo estava ornamentado com ferramentas e utensílios de várias espécies de trabalho: pendente do púlpito, uma grande rede de pesca; no espaço livre em frente do Santuário, um arado, enxadas e outras alfaias agrícolas; em lugar de honra na parede do próprio Santuário, ferramentas de carpinteiro, a profissão do «Filho do Homem»; de modo geral estavam representadas as várias profissões dos que ali se costumam reunir para prestar culto a Deus.

De manhã, após a Ladaíña, celebrou-se a Eucaristia com o «próprio» do 5.º Domingo depois da Páscoa e à noite o Ofício Vespertino do mesmo dia, com a intenção de acção de graças e intercessão pelas várias espécies de actividades e indústrias.

Pregou tanto nos cultos preparatórios como no Domingo, o Rev. Dr. Pina Cabral, que foi escutado sempre com o maior interesse por bons auditórios, sempre crecentes.

O nosso visitante, no Domingo de tarde, celebrou a Eucaristia e pregou na Capela de S. João Baptista, no Carregado, onde acorreu um bom número da nossa Missão de S. Filipe, encontrando-se a capela repleta.

O nosso grupo «As Sentinelas» inicia no 1.º Domingo de Junho as suas actividades campistas. A sua Direcção está a organizar outro Acampamento com a colaboração da Federação de Campismo, por ocasião das Festas locais do «Colete Encarnado».

Nota da Redacção

Em virtude de termos sido forçados a reduzir o número de páginas deste boletim, impossível nos foi publicar alguns artigos, especialmente os pedidos expressamente aos nossos distintos amigos e colaboradores Revs. Armando de Araújo, Pinto Ribeiro e Lufs Pereira, de que pedimos muita desculpa.

O Cavaleiro de Oliveira e a tentativa esboçada de Reforma da Igreja no tempo do Marquês de Pombal

(Continuação da 1.ª página)

A história dessa tentativa de reforma da Igreja ao tempo de Pombal em que o erudito teólogo Pereira de Figueiredo teve papel de tanto relevo, está ainda por fazer, estudo de que a Igreja de hoje muito teria a ganhar. (4) Certamente o Cavaleiro de Oliveira lá longe, de Londres, pôde falar com mais ousadia na sua linguagem rude e franca, sem «papas na língua». Todavia o erudito Padre da Congregação do Oratório de Lisboa, não teria traduzido a Bíblia da Vulgata e escrito a «Tentativa Teológica», obra bem documentada, séria e profunda, se não tivesse podido contar com a protecção e apoio de quem naquele tempo tudo mandava no nosso País. E parece, por várias razões, que as coisas estiveram bem tremidas, a julgar também pelo que o autor das «Reflexões» possivelmente queria dizer na citada frase — «e pode bem ser que isto seja conveniente dentro em pouco tempo». . . E' bem certo que Pombal, não tinha outro fim que o político na sua luta com Roma. Mas, como acontecera já em Inglaterra, a Reforma intrínseca da Igreja, a verdadeira Reforma, seguir-se-ia, naturalmente, à separação da cúria romana. E' nos disso penhor a personalidade elevada do cultíssimo tradutor da Vulgata e a forma deliberadamente reformista dos

escritos do Cavaleiro. Não repugna ao autor das «Terras do Demo» a hipótese de As Reflexões terem sido sugeridas ou mesmo até encomendadas pelo próprio Pombal o que, mesmo que assim tivesse acontecido, em nada desmereceria a directriz religiosa do exilado de Londres cuja sinceridade neste ponto não é de forma alguma posta em dúvida. (5)

Que o povo português — repetindo nós ainda hoje as exortações claras, tão calorosas e sinceras do Cavaleiro de Oliveira, há 200 anos — compreenda quanto significaria para o nosso País, para o seu progresso, para a sua cultura, para o seu aperfeiçoamento espiritual, a libertação da Igreja, ligada ainda a Roma, do domínio dum bispado estrangeiro, e a reforma da sua doutrina nos moldes do Evangelho de Cristo e dos princípios do Catolicismo da Igreja Lusitana dos primeiros séculos.

4) — Factos notáveis da História da Igreja — Lusitana — Biblioteca António-Maria Candal — 1910 — Pelo Rev.º Joaquim dos Santos Figueiredo — Capítulo VII — Um sonho de Reforma da Igreja no reinado de D. José. — pág. 34. (2.ª Edição)

5) — Recreação Periódica — Lisboa. Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional — 1922 — pag. XLVIII.

Leopoldo de Figueiredo

Notas e Comentários

(Continuação da 2.ª pág.)

que escreveu ao Cardeal Mercer (C. of. E. Newspaper 29-III-56) declara:

«Liguem as consciências dos homens a uma massa de afirmações históricas e científicas insustentáveis, proibam-nos de as criticarem e obriguem-nos a pôr de acordo com elas os resultados das suas observações e raciocínios, forcem-nos a defender tais ensinamentos contra todos os contraditores, contra todos os textos e factos e documentos que se podem aduzir contra elas, e o resultado será inevitavelmente o que sempre tem sido, profundo cepticismo interior, gerado pelo conflito aparente entre verdade e verdade, ausência de qualquer coisa que mereça o nome de convicção intelectual, incapacidade de entender ou respeitar tal convicção nos outros, prontidão a pensar que o preto é branco quando no-lo mandam, hábito de chicanice e desonestidade na controvérsia e que acaba por atacar a própria raiz da lealdade e da sinceridade».

Publicações Recebidas

A BÍBLIA — SUA HISTÓRIA E MENSAGEM — 2.ª edição (aumentada) por Guido Waldemar Oliveira — Edição da Sociedade Bíblica — Lisboa. 1956. Em 2.ª edição é publicado este livro que, como o seu sub-título indica, trata da história da Bíblia e da sua doutrina. O leitor tem possibilidade de num pequeno resumo, e em linguagem clara, encontrar o que interessa saber sobre a origem dos sagrados livros, sobre a sua interpretação, as suas versões e os seus elementos de estudo. E' um livro na verdade precioso para quem se inicia na leitura da Palavra de Deus. E' desta forma enriquecida a literatura evangélica em Portugal, o que muito nos rejubila.

Temos recebido em permuta os seguintes jornais portugueses: «Portugal Novo», «O Sempre Pronto», «O Portugal Evangélico», «Correio Evangélico», «A Espada do Senhor».